Octógono
Cadernos de polissemia artística
Número 14
Abril de 2025
ISSN: 2976-0402
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira
https://octogono-cpa.blogspot.com/

Os engenhosos Magos de Chanterene

Paulo Martins Oliveira

Introdução

No presente estudo procede-se à identificação e exame de um peculiar exercício visual no Mosteiro dos Jerónimos (Sta. Maria de Belém). Assim, na aproximação necessariamente lateral à entrada poente, é possível observar a supressão de um obscuro e "suspeito" Mago.

A análise do efeito demonstra que não se trata de uma mera casualidade ou uma dinâmica apenas lúdica, mas a expressão de uma filosofia de poder que envolve a história do lugar e o simbolismo do grande edifício.

Nova Jerusalém, Nova Belém

Tradicionalmente, a autoridade régia portuguesa era sublinhada pela celebração do País como uma Terra Santa do Poente e da Idade do Espírito Santo, constituindo Lisboa a nova e derradeira versão da ancestral Jerusalém bíblica[1].

Esta lógica fora logo promovida por D. Afonso Henriques, ainda em tempos das Cruzadas (ibéricas e levantinas), nomeadamente aquando do cerco e conquista de Lisboa em 1147.

Deliberadamente, os guerreiros afonsinos caídos durante a tomada da cidade tiveram sepultura própria e adequada fora das muralhas (S. Vicente de Fora), estabelecendo-se um paralelo entre estes mártires pela Cristandade e o próprio Jesus Cristo inumado no Santo Sepulcro, no exterior do antigo perímetro de Jerusalém[2].

Do mesmo modo, durante toda a medievalidade foram realçadas analogias entre a Sé de Lisboa e o Templo da antiga Cidade Santa, assim como entre a colina lisboeta do Carmo e o monte homónimo (Carmelo/Carmo) perto de Haifa[3].

Resulta portanto natural que, neste mimetismo, também se procurasse replicar a pequena localidade onde Cristo nascera, perto de Jerusalém, equivalendo em Portugal à relação entre a Lisboa antiga e o Restelo[4].

Aqui, a primeira iniciativa parece ter sido orgânica, com os próprios mareantes medievais a fazer construir uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Estrela, evocando-a enquanto guia para tornar a bom porto[5].

Sendo evidentes as ressonâncias com a Natividade e o episódio dos Magos (Mt.2:1-12), note-se ainda que, nesta Idade do Espírito Santo, a simbologia da Encarnação encontra-se já intrinsecamente ligada à transubstanciação eucarística, ou seja, a recorrente materialização ou corporização de Jesus Cristo na hóstia consagrada. Neste contexto, a Estrela (Polar) simboliza o ponto focal ou porta do Empíreo – a eterna e fixa Casa Celestial[6].

1 Cf. *Lisboa enquanto Nova Jerusalém*, 2015 [*online*].
2 Recuperando e dando sequência à tradição, os reis da quarta Dinastia fazer-se-iam sepultar em S. Vicente de Fora, vindo ainda a ser instalado nas imediações o Panteão Nacional (Sta. Engrácia).
3 Cf. o número anterior da presente publicação, dedicada às dimensões alegóricas do Sto. Condestável (*Octógono* n.13 / Março de 2025 – "Os espelhos de Nuno Álvares Pereira").
4 Cf. *A Hespéria e os Jerónimos*, 2014 [*online*]. Note-se que no século XIX a Belém portuguesa constituía um município próximo mas distinto de Lisboa, o que reforçava a equiparação com a Terra Santa do Levante.
5 Paulo Pereira, *Enigmas – Lugares Mágicos de Portugal*, vol.III (Idades do Ouro), Círculo de Leitores, 2004, p.66. Note-se igualmente que, edificada séculos depois sobranceira ao Tejo, a Basílica da Estrela cumpre o papel de um simbólico "farol", oferecido por uma Dinastia que se considerava ela própria iluminada.
6 A imagem da materialização/transubstanciação de Cristo (≈ Natividade/Encarnação) a partir da Estrela pode ser observada no Convento de Cristo – cf. *Octógono* n.10 / Dezembro de 2024 – "O simbolismo da Charola de Tomar", pp.9-13.

Jorge Afonso, *Retábulo da Madre de Deus*, painéis superiores laterais, MNAA, Inv.1288-89 Pint. (fotos: PMO). Procurando não apenas figurar episódios isolados mas também (e sobretudo) demonstrar a coerência intrínseca das Escrituras, o pintor régio correlacionou, de um lado, os Reis Magos e a Natividade com, do outro, uma Ascensão que é também promessa de contínuo retorno para junto dos fiéis congregados. Neste sentido, aqui o Messias igualmente "desce"dos céus (reencarna), para o que se recorreu, com certo humor, a um incorrigível Tomé que toca para confirmar o dogma da transubstanciação.

Um rei supremo

Entretanto, D. João I subiu ao trono e fundou uma nova Dinastia – mais que isso, Fernão Lopes considerava que esse rei cristológico viera abrira uma nova (≈ natalícia) Era histórica[7].

Até falecer em 1433, o monarca fora consolidando e reforçando o poder numa lógica pessoal, de tal modo que os temorosos filhos sempre se mostravam ansiosos em obedecer e "nunca contrariar o Rei, em respeitar e cumprir a sua vontade"[8].

O sucessor D. Duarte lembrava esses tempos no seu *Leal* Conselheiro[9], de tal modo marcantes que, ao promulgar agora um importante decreto, pôs-lhe o nome de "Lei Mental", isto porque as respectivas premissas já andavam na ideia e propósitos do pai entretanto falecido.

E se a D. Duarte, por ser monarca, foi-lhe permitido panteão próprio, aos irmãos não restaria outra alternativa que, aquando das suas mortes, regressarem obedientes à tutela patriarcal, na batalhina e fúnebre Capela do Fundador.

7 Fernão LOPES, *Chronica de el-Rei D. João I*, Parte I, cap.CLXIII.
8 Luís Filipe Lindley CINTRA, "D. Duarte", excerto in *História e Antologia da Literatura Portuguesa – século XV, Obras dos Príncipes de Avis*, FCG, Lisboa, série HALP n.7, Setembro 1998, p.20.
9 D. DUARTE, *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella*, ed.1842, cap. LRVII [XCVII] do *Leal Conselheiro*.

O protagonismo dos Reis Magos

Esse centralismo exacerbado de D. João I terá contribuído para que, no período subsequente à sua morte, se tenha enveredado por um caminho diverso, pois a Ínclita Geração promoveria uma lógica de conselho governativo, dando todavia a palavra definitiva ao entronizado D. Duarte (como depois ao filho D. Afonso V, i..e. o soberano como o principal dos Magos, e já não um monarca cristológico).

O mais constante daqueles outros "Reis" oficiosos e paralelos foi o Infante D. Henrique, que recebera da mãe Filipa de Lencastre a espada de cavaleiro e o pedido para que protegesse "todollos senhores, caualleiros fidallgos e escudeiros destes rregnos, os quaes uos emcomemdo que ajaaes em uosso espiciall emcarreguo"[10].

Isso ocorrera nas vésperas da conquista de Ceuta, da qual D. Henrique se revelaria o grande protagonista, tendo demonstrado aliás, logo à partida de Lisboa, a sua capacidade organizativa ao fazer da frota ancorada no Restelo uma celebração do poderio luso[11].

A posterior expansão do projecto ultramarino confirmou o Restelo como um centro logístico e simbólico de primeira grandeza, tendo aí o Infante D. Henrique valorizado a ermida de Nossa Senhora da Estrela, rebaptizada como Nossa Senhora dos Reis[12], i.e. declarando que os adventícios-colectivos Avis e os aristocratas leais eram "Reis Magos", abençoados e legitimados directamente por Jesus Cristo.

Não obstante dispensar a tutela de um monarca-cristológico, ainda assim D. Henrique, ao falecer, voltou obediente à órbita do pai-fundador no panteão batalhino, embora distinguido por um jacente "coroado", evocativo de um estatuto que entretanto pudera assumir – o de informal soberano do Reino do Algarve e das possessões Atlânticas[13].

Note-se que além de D. Henrique, entre as décadas de 30 e de 60 do século XV destacaram-se ainda outros "Reis" poderosos, caso dos Infantes D. Pedro de Coimbra e D. Afonso de Bragança (irmãos de D. Duarte e D. Henrique), da também irmã D. Isabel, cuja grande influência se fez sentir a partir da Borgonha e da Flandres, onde era duquesa, ou ainda do impositivo D. Fernando de Viseu, segundo filho de D. Duarte.

Nesse mesmo século verificava-se um padrão similar em Florença, com os sucessores do patriarca e fundacional Cosme de Médicis a conotarem-se com os Reis Magos. Não obstante a natural autoridade do governante-varão, deve ser notado também aqui uma ênfase na participação familiar nos assuntos de Estado, tratando-se de uma mensagem de solidariedade inscrita em várias obras de arte.

10 Gomes Eanes de ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta*, cap. Rj [XLI], ed. Academia das Ciências de Lisboa, 1915, p.129.
11 Idem, *ibidem,* cap. Rix[XLIX], pp.150-151.
12 Paulo PEREIRA, *op.cit.*
13 Também o cognome de O Navegador realça um estatuto "régio"; cf. *Os Painéis de Avis*, 2011, p.47; na edição agregada *A Janela de Tomar e os Painéis de Avis*, p.93 [*online*].

Abatendo os Magos

Não obstante esse apelo a um governo familiarmente partilhado, ou talvez por isso, surgiriam rivalidades internas lideradas pelos Popolano (o ramo cadete dos Médicis), levando o titular Lourenço o Magnífico a reforçar o poder numa lógica unipessoal. Para isso contribuiu igualmente a necessidade de coordenar de modo generalício a visão "imperial" florentina, sobretudo visando Pisa e Siena, bem como gerir as relações com outras potências político-militares, casos de França ou da Santa Sé.

Ou seja, em vez de ser "apenas" o principal dos Reis Magos, o "Magnífico" passava também a conotar-se enquanto versão terrena de Cristo, que recebe e de algum modo submete ou pelo menos condiciona os seus próprios "Reis".

Idêntica evolução verificou-se também em Portugal, nomeadamente com o "Príncipe Perfeito" D. João II, que tinha os seus "Popolano" nos primos rivais de Bragança e de Viseu[14], enquanto na política internacional era necessário vigiar os Reis Católicos e o seu papa, o valenciano Alexandre VI Bórgia.

Ao mesmo tempo, administrava já um Portugal-Império de limites bem longínquos, tendo como tributário o "Rei Mago" do Congo, que adoptara como nome de baptismo o mesmo do suserano luso.

Numa perspectiva geral, em vez de agir como um medieval-arturiano *primus inter pares*, D. João II assumiu declaradamente o poder, insinuando-se mesmo enquanto Messias supremo, cuja trágica queda seria alegorizada pelo seu leal pintor Vicente Gil, um dos mais criativos de finais de Quatrocentos.

Justo de D. João II, Museu do Dinheiro - BdP (foto: PMO).
Trata-se de uma moeda áurea que celebra o monarca cristológico empunhando uma espada, entre outros aspectos insinuando-o na presidência do Juízo Final (≈ e.g. Rogier van der Weyden, *O Juízo Final*, Beaune).

Vicente Gil (cópia seg.), *Ecce Homo*, MNAA, Inv.433 Pint. (foto: PMO).
Através de ambiguidades: Cristo apresentado, Cristo tumulado, Cristo ressuscitado; as tribulações de D. João II.

14 Em Portugal e Florença, todos esses ramos colaterais acabariam um dia por chegar ao poder.

Recapitulando, no século XV a governação tornara-se descentralizada após a morte de D. João I, vivendo-se nas décadas intermédias um regime de "Reis Magos". Ainda que a figura do monarca fosse a principal, o poder era repartido com os Infantes, outros familiares e mesmo elementos da alta aristocracia e do clero.

Por seu turno, no último terço da centúria, D. João II não só rejeitava ser um simples " Rei Mago" (mesmo que o principal), como basicamente suprimiu tais figuras, suspeitas ou mesmo conspirativas (entenda-se, os primos rivais e seus aliados), apenas restando na corte o jovem primo D. Manuel, que caíra nas boas-graças do monarca.

Este panorama eventualmente explicará o facto de a ermida henriquina do Restelo, que o Infante baptizara como "dos Reis", ter vindo entretanto, e cada vez mais, a ser designada por Nossa Senhora de Belém, i.e. centrando o foco no referencial cristológico-centralizador.

Falecendo D. João II sem um herdeiro óbvio, o trono passou então para D. Manuel – o filho mais novo do acima mencionado (e já falecido) Infante D. Fernando de Viseu, sendo o Venturoso, por esta linha, neto paterno do rei D. Duarte.

O Cristo-Rei Mago

Num contexto pessoal e político muito específico, o improvável novo soberano iria adoptar uma retórica híbrida. Assim, por um lado, prosseguia a lógica messiânica do antecessor, como se fora um Cristo transubstanciado, não em "hóstia" mas em forma humana, o que era realçado pela importância que D. João II e agora D. Manuel davam à "cortina", i.e. uma presença encoberta que realçava o papel distinto e místico do monarca durante as celebrações eucarísticas.

No caso do Venturoso tal viria a ser ainda mais relevante pois, não tendo nascido príncipe, D. Manuel justificava a legitimidade num messianismo providencialista, revendo-se nas escolhas divinas que tinham levado David e depois Salomão ao trono[15], mas acima de tudo no próprio Cristo, enquanto descendente tardio dos referidos monarcas (≈neto[16]; Mt.1:5-16;), e que apenas os iluminados poderiam alguma vez supor que este algo marginal recém-nascido viria a ser o grande e genuíno Rei supremo.

Mas paralelamente a esta narrativa cristológica, D. Manuel assumiu também o papel de primeiro dos Reis Magos, uma vez que optara por uma política reconciliatória (após a traumática relação do antecessor com a alta aristocracia), bem como dera poder ao matriarcado familiar e também a figuras

15 Opção divina por David: 1Rs[1Sm].16:1-13; opção divina por Salomão: 1Par[1Cr].28:5-6. Segue-se aqui a *Vulgata Latina*, na edição traduzida pelo padre António Pereira de Figueiredo (1842), reimpressa em 1963 (Depósito das Escrituras Sagradas, Lisboa).

16 D. Manuel fez questão em realçar ser neto de D. Duarte nas chamadas Capelas Imperfeitas (panteão do avô-rei), através da multiplicação escultórica do polissémico "erey" (Eduarte/Emanuel rey). Paralelamente, e como será referido, o Venturoso não deixaria de ir promovendo a memória do respectivo pai, D. Fernando de Viseu.

como António Carneiro, seu proto-valido[17]. Não menos importante, podendo o Venturoso beneficiar entretanto de inéditos recursos, essa estratégia mista permitia-lhe uma versátil afirmação no panorama europeu, junto de congéneres também regalistas, e do papa, já cristológico por natureza.

Tudo com D. Manuel assentava num equilibrismo entre dinâmicas centrípetas e centrífugas, tendo no eixo o próprio monarca, ou pelo menos a sugestão alegórica da sua omnipresença.

Tal pode ser visto no grande edifício manuelino do Restelo – uma profunda reconfiguração da antiga ermida henriquina que, consolidando a evocação auto-cristológica de Santa Maria de Belém, teve o lançamento da primeira pedra em Dia de Reis.

O mediador dos hemisférios

A empreitada do Restelo já era objectivo do Venturoso antes da viagem de Vasco da Gama, mas a inauguração da rota indiana deu uma nova força, rumo e significado ao projecto arquitectónico.

De facto, e ainda que Bartolomeu Dias tivesse descoberto a passagem entre os dois Oceanos, coube ao Gama estabelecer uma efectiva conexão ou "nó" entre os mundos ocidental e oriental, algo que os novos argonautas concretizaram durante o período natalício, de que subsistem ainda hoje memórias na toponímia da África meridional[18].

Logo neste momento D. Manuel ultrapassava qualquer outro soberano precedente, tendo então providencialmente nascido uma nova fase na História da Humanidade, verdadeiramente inédita, já que dela não se "acháua escriptura de Gregos, Romanos, ou dalgūa outra naçam, que contásse tamanho feito"[19].

O monarca luso podia recuperar e amplificar a divisa do antigo e ocidental/oriental imperador Constantino – *In hoc signo vinces* – "com este sinal vencerás", i.e. a Cruz, no caso português a da Ordem de Cristo.

Tal retórica quanto a um nascimento institucional e civilizacional lembra igualmente a fundação do Sacro-Império, aquando da coroação de Carlos Magno pelo papa no dia de Natal do ano 800[20].

De igual modo, o Venturoso já era Rei quando, no ano de 1500 e em "nossa senhora de Bethlem", fez da partida de Pedro Álvares Cabral uma cerimónia que definitivamente confirmava o "nascimento" ou metamorfose do próprio D. Manuel enquanto Imperador[21] – uma versão terrena de Jesus Cristo e,

17 Cf. *Octógono* n.3 / Maio de 2024 – "Jorge Afonso e a Aparição de Cristo à Virgem", pp.41-42, 46-47.
18 Cf. *Octógono*, n. avulso (7) / 24 de Dezembro de 2024 – "Vasco da Gama e o Nó do Mundo".
19 João de Barros, *Ásia*, primeira década, livro quinto, capítulo primeiro, ed. INCM, 1988, p.170.
20 No mesmo sentido, em Inglaterra, a coroação de Guilherme da Normandia ocorreu no dia de Natal de 1066, após a "revolucionária" batalha de Hastings, que levou o velho e "druídico" país a transformar-se numa potência europeia.
21 Sobre a cerimónia, v. a descrição em João de Barros, *Idem*, pp.171-172.

em simultâneo, o primeiro dos Reis Magos[22]. Relata João de Barros que, ao contrário da viagem exploratória do Gama, a de Álvares Cabral tinha já uma componente de estabelecimento, pela força como já se tinha percebido ser necessário, uma vez que os muçulmanos não admitiam a presença comercial cristã no Índico.

O capitão agora enviado deveria portanto ser o "gládio material e secular", enquanto os religiosos que o acompanhavam utilizariam "do seu [gládio] espiritual", i.e. uma pregação convincente.

Embora a evangelização fosse apresentada como o objectivo principal, a ferramenta imediata de ligação entre os povos era "o comércio e comutaçam, que é o meio per que se concilia e tracta a paz".

Ou seja, considerava-se que qualquer soberano oriental que proibisse o direito a circular, comprar e vender pretendia a guerra, uma vez que violava um direito natural dos povos, incluindo dos próprios que governasse, "por este comercio ser o fundamento de toda a humana policia" (i.e. da urbanidade e sã convivência entre as pessoas, independentemente de raças ou credos)[23].

Escorado no comércio, D. Manuel podia apresentar-se como um quase-infinito Imperador Cristão dos Oceanos. Note-se que, logo após o regresso de Vasco da Gama, o monarca luso incluía no seu próprio título real o senhorio "da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia"[24], sendo que João de Barros iria contudo relacionar o *efectivo* significado dessa intitulação com a viagem de Pedro Álvares Cabral[25].

O soberano da polissemia

Neste ponto importa reter a imagem de tantas figurações dos Reis Magos, que homenageiam o Messias vindos de partes exóticas com produtos raros e fazendo-se acompanhar por séquitos.

Igualmente, o camaleónico Imperador luso vai tornar-se no "Cristo" que recebe ofertas e tributos dos Reis exóticos; mas a partir de Lisboa o mesmo Venturoso é também o principal dos Reis Magos europeus que remete ao papa algumas dessas extravagâncias, uma vez que o sumo-pontífice era não só o herdeiro de Pedro, mas sobretudo e desde logo do próprio Jesus Cristo (como Erasmo lembrava em forma de admoestação pelos maus costumes romanos)[26].

22 Por curiosidade, um dos mais famosos sacro-imperadores após Carlos Magno fora Frederico I Hoenstaufen, que aproveitou uma revolta da cidade de Milão para aí apossar-se do relicário dos Reis Magos, transferindo-o para Colónia.

23 João de Barros, *op.cit.* p.172.

24 Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I*, Temas e Debates, 2007, p.157.

25 João de Barros, *op.cit.*, livro sexto, capítulo primeiro, p.217. Exaltando o imperialismo manuelino, Barros pensara uma obra monumental dividida em três grandes secções, justamente uma dedicada à Conquista, outra à Navegação, e a última ao Comércio, cada uma por sua vez compreendendo subsecções, das quais apenas se conhece a *Ásia* (pertencente à Conquista). Cf. M. Ema Tarracha Ferreira (intr., sel., org. e notas), *Literatura dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa*, Ulisseia, 1993, pp.85-86.

26 Desidério Erasmo de Roterdão, *Elogio da Loucura*, cap. LIX, Guimarães Editores, Lisboa, 1996, p.104.

A obediência manuelina era contudo muito relativa, efectuada por embaixadores que declamavam a glória do seu monarca e o apresentavam como o grande Defensor da Fé Cristã, em manifesta rivalidade com o sacro-imperador germânico Maximiliano Habsburgo (primo do Venturoso, e que chegara a ter ambições à Coroa Portuguesa, após a morte de D. João II)[27].

Dando um vislumbre sobre os meandros e bastidores políticos, é expressivo que Damião de Góis tenha orgulhosamente incluído na sua *Crónica* o traslado de uma missiva detalhada onde Maximiliano era informado, pela sua própria rede diplomática, de uma das sensacionais embaixadas portuguesas junto do papa e da sua cúria[28].

Em suma, esta questão demonstra a natureza permanentemente polimórfica de D. Manuel, e se o estudo historiográfico de qualquer reinado apresenta dificuldades específicas, neste caso isso traduz-se pela constante e substantiva metamorfose do monarca em múltiplos heterónimos, *alter-egos*, referências mitológicas, modelos histórico-bíblicos...

A todos em seu redor o monarca ouve e parece dar poder, mas também a todos consegue ir manipulando, como um grande marionetista no alto e ao centro, e em torno do qual tudo orbita (ideia que perpassa por exemplo do tecto na Sala dos Brasões de Sintra).

No Restelo, não só mandou erguer o grande templo que homenageia a Natividade de Cristo e os Reis Magos, como também, numa manobra política, daí transferiu os membros da Ordem de Cristo (que serviam na antiga ermida henriquina) para a igreja lisboeta de Nossa Senhora da Conceição. Assim pôde instalar em Belém os congregados de S. Jerónimo, cuja tradição era na verdade relevante na corte régia de Castela, a cujo trono o D. Manuel ainda mantinha expectativas, agora pelo matrimónio com D. Maria (outra filha dos Reis Católicos, depois de um primeiro casamento com a primogénita e entretanto falecida D. Isabel)[29].

Note-se ainda que o estabelecimento (ou implantação) dos jerónimos em Santa Maria de Belém era teologicamente adequada, pois S. Jerónimo instalara-se na Belém bíblica, onde pôde desenvolver uma assinalável obra teológico-literária[30]. Prende-se certamente com isso a encomenda em Itália da monumental *Bíblia dos Jerónimos*, cujos exuberantes volumes se encontram hoje na Torre do Tombo.

27 Existiram várias trocas de ofertas artísticas entre Portugal e o Sacro-Império com sátiras mútuas, uma delas exposta na lisboeta Madre de Deus (actual Museu Nacional do Azulejo), onde Maximiliano mandou alegorizar Lisboa como uma Jerusalém infiel que maltratou e sacrificou Cristo; cf. *Lisboa enquanto Nova Jerusalém*, 2015, p.3 [*online*].

28 Damião de Góis, *Chronica do Sereníssimo Rei D. Manoel*, terceira parte, cap.LVII, Lisboa, 1749, p.389.

29 V. *A Hespéria e os Jerónimos*, 2014 [*online*]. Poderá ser em tom irónico a observação de João de Barros: "A qual casa [o novo grande mosteiro] el rey deu aos religiosos da ordem de sam Jeronimo pola singular deuaçam que tinha neste sancto; e por a mesma causa a elegeo por jaziguo de sua sepultura" (os religiosos de S. Jerónimo zelavam pelos corpos e almas dos reis castelhanos defuntos, entenda-se, a ambição seguinte do Venturoso); João de Barros, *op.cit.*, primeira década, livro quarto, capítulo décimo segundo, p.166.

30 Tiago de Voragine, *La Leyenda Dorada*, vol.II, Alianza Editorial, Madrid, 1999, pp.632-633. Dessa produção destaque-se a tradução da Bíblia para latim (Vulgata Latina), que perdurou como a grande fonte em toda a parte ocidental da Cristandade.

De um modo ou outro, o Venturoso é o Senhor da *Pax* que tudo pretende harmonizar e conciliar, inclusivamente no domínio estético, fazendo coexistir o velho gosto medieval com as novas correntes classicistas-italianizantes, como se observa no piso térreo do claustro dos Jerónimos/Santa Maria de Belém[31]. Este mosteiro seria a sua grande obra, feita afinal das mesmas ambiguidades que espelhavam o monarca e promotor.

O portal de Chanterene

Conforme realçava por exemplo Damião de Góis[32], o grande templo apresenta duas entradas: uma subordinada mas exuberante virada ao Tejo; e a principal mas discreta/reservada situada ao poente, "escondida" na galilé e alinhada com o altar-mor (constituindo portanto o portal axial)[33].

A primeira foi consignada a João de Castilho, sendo uma versão gótica e cristianizada de um arco triunfal romano[34], no caso insinuando a Custódia de Belém, de que a nave-salão era a caixa-relicário[35].

Já para a entrada axial foi comissionado o escultor francês Nicolau Chanterene, que deu uma expressão renascentista ao traço arquitectónico ainda medievalizante, o qual neste caso insinua um grande "véu" de pedra e madeira[36], cuja passagem simboliza a Revelação (*Apocalipse*, lado poente), nomeadamente da Verdade e da Ressurreição (altar-mor no lado oposto, ao nascer do Sol).

Nicolau Chanterene, portal axial dos Jerónimos (fotos: PMO)

31 Cf. *Octógono* n.2 / Abril de 2024 – "O dinâmico Claustro dos Jerónimos".
32 Damião de Góis, *op.cit.*, primeira parte, cap.LIII, p.66.
33 Sobre a lógica deste portal, v. a parte introdutória de *Octógono* n.6 / Agosto de 2024 – "As estátuas vicentina e fernandina de Nicolau Chanterene".
34 João de Barros, *op.cit.*, p.166.
35 Cf. *Octógono* n.11 / Janeiro de 2025 – "O ouro de Quíloa segundo Gil Vicente", pp.35-36.
36 Também simbolizando o manto protector da Virgem; e.g. a *Nossa Senhora de Belém* pintada por Francisco de Holanda (MNAA, Inv.1181 Pint).

Neste portal Chanterene responsabilizou-se pelas estátuas que guardam e dão múltiplos sentidos alegóricos a esta composição polissémica, tendo sido já analisadas noutro estudo as representações fernandina e vicentina dos flancos[37].

Em termos gerais, as diversas figuras do portal regem-se pelas proporções, poses e gestualidades típicas do Renascimento, importando agora especificar os três nichos ao topo do conjunto[38].

O registo superior

Tal como nos retábulos e trítipcos pintados, existe aqui uma leitura imediata e temporal da esquerda para a direita na perspectiva do observador (≈ direcção da escrita). Assim, a sequência principia com a Anunciação; segue-se ao centro o nascimento do Messias; e termina com a visita dos Reis Magos.

Portal axial, det. (foto: PMO).

A imagem principal é obviamente a intermédia, posta sobre a entrada do templo e que resume a Encarnação, sinalizando Jesus enquanto caminho redentor e porta da eternidade (Jo.10:9, 14:6).

Observam-se outros aspectos de interesse, nomeadamente a sugestão de o bebé se encontrar "tumulado", antevendo o seu destino trágico mas também o regresso à vida (Natividade ≈ Ressurreição ou re-nascimento, Jo.16:20-22)[39]. Note-se que à rectaguarda, em lugar dos convencionados burro e vaca encontram-se dois anjos, remetendo para o episódio da Ressurreição (Jo.20:11-12)[40].

37 Cf. o estudo ref. na nota 33.

38 Apesar de "restauros" posteriores, o programa iconográfico foi mantido (Paulo PEREIRA, *Decifrar a Arte em Portugal*, vol.III – Renascimento, Círculo de Leitores, 2014, p.58).

39 Sobre estas Natividades "fúnebres", cf. *Octógono* n.4 / Junho de 2024 – "A Lamentação Feliz de Santa Maria de Belém", pp.4-5, e o o estudo "As figuras dos pescoços compridos", in *Separata 1*, 2012, pp.48-57.

40 Ligando os dois Testamentos, os referidos anjos sugerem também os dois querubins sobre a velha Arca da Aliança, substituída agora por Cristo.

Outro elemento alegórico que resulta de uma solução de compromisso reside no pouco ortodoxo posicionamento de S. José, ao mesmo nível da Virgem e à dextra do berço (por convenção, José deveria estar aqui pelo menos em plano recuado, dando o protagonismo a Maria).

O paradoxo poderá explicar-se por uma concordância de género entre essas figuras e as estátuas maiores de D. Manuel e D. Maria, colocadas mais abaixo[41], sendo todavia possível apontar razões complementares, incluindo desde já a sobreposição em S. José de Deus-Pai, em atitude de dar e receber o Filho (Encarnação→Ascensão de Cristo), sendo na verdade diversos e criativos os exercícios que introduzem o Pai Divino.

Fra Angelico, *Tumulação de Cristo*, Munique (foto: wikimedia.org).
Nesta Tumulação/Descida da Cruz, o homónimo e "paternal" S. José (de Arimateia) representa Deus-Pai, dando à Humanidade o corpo sacrificial e redentor do Filho, deixando também sugerida a Ressurreição e a Ascensão de Cristo (cuja pose ainda evoca a pomba branca do Espírito Santo) – ou seja, uma obra que visa sintetizar a dinâmica essencial do Cristianismo.

No portal aqui em análise, esta questão relaciona-se com o modo de entender as sequências narrativas, pois além da leitura temporal/secular, existe uma outra qualitativa/intemporal, que toma como ponto de partida o eixo central da própria composição[42]. Ou seja, a partir do nicho intermédio da Encarnação evolui-se quer à dextra para o lado celestial e angélico (Anunciação ≈ Cidade de Deus), quer à sinistra para a dimensão da "política" terrena (Visita dos Reis Magos ≈ Cidade dos Homens).

As estátuas régias

Esta lógica reflecte-se nas figuras abaixo desses nichos laterais. Assim, no lado celestial da Anunciação encontra-se o régio D. Manuel apadrinhado por S. Jerónimo, o qual segura a pedra com que se penitenciava batendo no peito nu. Buscava deste modo o aperfeiçoamento espiritual, tendo aos pés um leão amansado, depois de lhe ter sido removido um espinho que lhe feria uma pata.

41 Cf. Paulo PEREIRA, *Enigmas – Lugares Mágicos de Portugal*, vol.III – Idades do Ouro, Círculo de Leitores, 2004, p.77; Francisco HENRIQUES, *O Retábulo da Pena de Nicolau Chanterene – geometria e significação*, Diss. Mestrado, FBA-UL, 2006, p.59.

42 Este conceito dual pode ser observado por exemplo nos trípticos de Bosch – v. *The choices of Jheronimus Bosch*, 2015 [*online*]; e *Bosch, the surdo canis*, 2013 [*online*].

Simboliza-se aqui a *Pax* paradisíaca (onde se poderá conviver mesmo com as feras; Is.65:25), além de que este cooptado Jerónimo com o leão fazia Lisboa competir, também neste domínio, com Veneza e respectivo padroeiro S. Marcos[43].

Mas em última análise, alude-se à Vida Contemplativa como um modo superior de encontrar o divino (Lc.10:38-42). Modo superior, mas não o único...

Portal axial, estátuas de D. Manuel com S. Jerónimo, e de D. Maria com S. João Baptista (fotos: PMO).

No lado oposto, a rainha D. Maria está acompanhada do seu santo de referência, no caso João Baptista – o anunciador de Cristo (Cordeiro amparado), bem como o incansável e primordial pregador que, através do "gládio" evangélico, exortava na Terra Santa à conversão, censurava os sacerdotes tradicionais judaicos, e denunciava a vida imoral do governante Herodes Antipas (Mt.3:1-12; Lc.3:1-20).

Este proto-cruzado era portanto símbolo da Vida Activa, cujas vestes humildes insinuam até um peitoral de armadura, ele que era patrono dos Templários e uma referência-maior da subsequente Ordem de Cristo[44].

43 Nas Crónicas é sempre curioso o zelo de D. Manuel em impressionar e suplantar os Venezianos, mesmo quando lhes oferece protecção naval, numa quase-humilhação da potência mediterrânica.

44 Cf. *Octógono* n.10 / Dezembro de 2024 – "O simbolismo da Charola de Tomar", pp.17 e seguintes. Tal como D. Manuel adoptou S. Jerónimo por (interessada) deferência a Castela, talvez D. Maria tenha aqui escolhido S. João Baptista como diplomática homenagem à Ordem de Cristo, mantendo-lhe a memória num local de onde tivera de ser transferida para a igreja da Conceição, de modo a instalar os congregados jerónimos em Belém. É também muito provável que o primogénito do casal tenha sido baptizado como João (III) como forma de o alegorizar enquanto anunciador e protector do Cristianismo nos novos mundos ultramarinos.

Relacionado com isso, a postura protectora de João Basptista quanto a D. Maria lembra os encargos que, uns cem anos antes, D. Filipa de Lencastre dera aos três filhos mais velhos (Duarte, Pedro e Henrique) quando lhes confiou as respectivas espadas de cavaleiro, nas vésperas da partida para Ceuta.

Conforme referido acima, o mais novo D. Henrique fora então incumbido de proteger os fidalgos, cavaleiros e escudeiros, o que se poderá deduzir da correspondente estátua armada ao centro do grande mas subordinado pórtico meridional dos Jerónimos, garantindo a defesa dos apóstolos (≈ fidalgos evangelizadores com os seus atributos ou "gládios" de Fé).

Portal meridional, det. (foto:PMO).

Este aspecto demonstra como os pórticos meridional e axial são complementares, e o mesmo se diga das respectivas estátuas.

Nesta lógica, e regressando à entrada poente, D. Maria parece sintetizar as donzelas e donas que deveriam ser protegidas pelo segundo filho de D. Filipa de Lencastre (D. Pedro de Coimbra), ao passo que o mais velho D. Duarte fora encarregado de escudar o povo[45], sendo que o sábio (≈ filósofo e eloquente) S. Jerónimo custodia D. Manuel, i.e. o monarca que personifica o país e respectivo povo em geral, o que é realçado pelo polissémico colar de elos[46].

Não se pode dizer que este S. Jerónimo seja um retrato de D. Duarte e que o Baptista figure D. Pedro de Coimbra. Aliás, mesmo no portal meridional, e apesar de João de Barros e Damião de Góis mencionarem que se trata de D. Henrique, a estátua apresenta um cunho alegórico e compósito[47].

45 Gomes Eanes de ZURARA, *op.cit.*, cap. Rj [XLI], pp.127-129.

46 Mais tarde os monarcas vão mesmo assumir propriedades femininas que mesclavam com as masculinas, realçando um cariz totalizante enquanto representativos do povo. A propósito de Luís XIV, cf. *Octógono* n.7 / Setembro de 2024 – "Charpentier e o retrato melódico do Rei-Total", pp.6-7.

47 V. *A Estátua do Infante-Cruzado D. Henrique*, 2014 [*online*].

Mais importante aqui será o conceito de dever e missão atribuído aos filhos de D. João I e de Filipa de Lencastre, fazendo da Ínclita Geração um espelho de príncipes[48], com o objectivo de garantir a unidade e perpetuação da Dinastia. Tal assumia redobrada importância em inícios do século XVI, num *restart* dos Avis enquanto imperiais Avis-Beja.

O Venturoso e respectiva família surgem pois como uma versão evoluída de D. João I e sua Casa, podendo estabelecer-se um paralelo entre a "térrea" Capela do Fundador na Batalha e a "celestial" Sala dos Brasões de Sintra (tal como, no portal meridional dos Jerónimos, entre o "térreo" cruzado D. Henrique e o "celestial" D. Manuel transfigurado ao topo em S. Miguel/Anjo Custódio do Reino).

O templo-custódio e o falso Mago

A mensagem essencial reside na constante necessidade de defesa e protecção, sendo o monumento catedralício-monástico dos Jerónimos uma "fortificação" da própria Fé – símbolo da Metrópole como o incontornável e sólido referencial da Cristandade, a partir de onde se construía a Civilização e se antevia a Cidade de Deus.

Preparando D. Manuel a sua morte e eterna boa-memória, o templo deveria ser o custódio perpétuo do monarca, que por sua vez custodiara a Custódia de Belém, o mais excelente receptáculo alguma fez feito para albergar corpo transubstanciado de Cristo.

Como escrito noutro lugar, o grande edifício foi gizado como uma "caixa-forte"[49]. Daqui importava manter afastado qualquer intruso, fosse infiel, herege ou desleal. A este respeito, quando o observador se aproxima da entrada poente logo se depara ao alto com o "sinistro" nicho dos Reis Magos, onde um deles, apartado e obscuro, olha para fora.

Portal axial, det. (foto: PMO).

48 Note-se que no pórtico poente está lateralmente figurado D. Fernando de Avis (o irmão mais novo de Duarte, Pedro e Henrique), não sendo impossível ainda uma alusão subsidiária a D. João, mestre de Santiago, na figura "militar" do homónimo Baptista. Já sobre a relação metafórica entre D. Maria e D. Filipa de Lencastre, v. *Octógono* n.4 / Junho de 2024 – "A Lamentação Feliz de Santa Maria de Belém", p.9.

49 V. Cf. *Octógono* n.11 / Janeiro de 2025 – "O ouro de Quíloa segundo Gil Vicente", p.36.

Esta figura (talvez o retrato auto-crítico e penitente de Chanterene) realça a dimensão terrena e "política" desta composição dos Reis Magos (≈ Cidade dos Homens), em contraponto simétrico à cena da Anunciação e respectivo anjo celestial. De certo modo lembra a dicotomia existente no Paço de Sintra, nomeadamente entre as dúbias e enervantes aves da Sala das Gralhas (para audiências cheias de queixumes e pedidos), e as pombas brancas da Capela espiritual, aqui perfazendo como que versículos do Livro sagrado.

Nos Jerónimos é de realçar que, a partir do exterior, a aproximação ao portal axial realiza-se necessariamente pelo lado "sinistro", acabando o dito Mago enganador por praticamente desaparecer quando visto diante da entrada, simbolizando o seu expurgo ou expulsão cruzadística.

Portal axial, det. (foto: PMO).

Este efeito visual lembra o existente no quadro *Martírio de S. Sebastião*, por Gregório Lopes (MNAA, Inv.80 Pint.), e no qual certos elementos ganham distorção quando o observador caminha lateralmente para a obra (considerando a sua localização original, no corredor da Charola do Convento de Cristo)[50].

A recomposição dos Magos

Aparentemente, no nicho do portal restam assim apenas dois Reis Magos, o que indicia que esta cena deve ser agora revista à luz de todo o conjunto. Neste propósito será útil recuperar uma leitura interpretativa de Francisco Henriques, segundo a qual as estátuas de D. Manuel e D. Maria funcionam ali como dois Reis Magos, senhores do Mundo (terreno) em veneração do Menino-Deus[51].

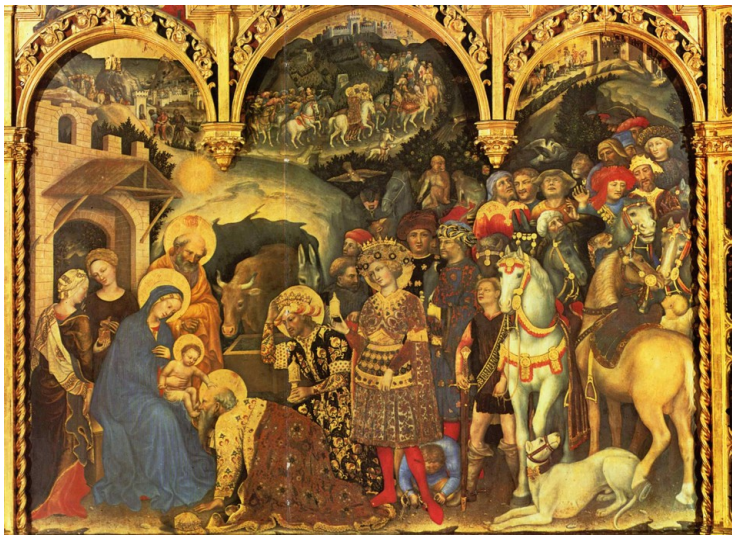
50 Leitura de Joaquim Caetano; v. análise da questão in *Octógono* n.1 / Março de 2024 – "O S. Sebastião de Gregório Lopes", p.8.

51 Francisco HENRIQUES, *O Retábulo da Pena de Nicolau Chanterene – geometria e significação*, Diss. Mestrado, FBA-UL, 2006, p.59.

A interpretação é pertinente e pode ser reforçada porque, em algumas figurações da Visita dos Reis Magos (ou *Epifania*), um dos ofertantes apresenta traços femininos.

Lorenzo Monaco, *Adoração dos Magos* (ger/det.), Florença (foto: wikimedia.org).

Outros exemplos
Stefano da Zevio [da Verona], *Adoração dos Magos*, Milão, (foto: wikimedia.org).
Gentile da Fabriano, *Adoração dos Magos*, Florença (foto: wikimedia.org).



Tal pode ser explicado quer pela intenção de incluir as esposas dos encomendantes, quer pelo exercício teológico de fazer corresponder os dois Testamentos, no caso incorporando a visita da Rainha de Sabá a Salomão (o monarca e sábio antepassado de Cristo), levando-lhe ouro, perfumes e pedras preciosas. Acrescente-se que, na mesma altura, foi também recebida a comitiva de Hirão – o soberano de Tiro, que enviou ouro, pedras preciosas e madeiras raras – sendo que, em ambos os casos, as três categorias de presentes sugerem as ofertas dos Magos a Jesus (ouro, incenso e mirra; Mt.2:11)[52].

52 Sobre a visita da Rainha de Sabá, cf. na *Vulgata* 3Rs[1Rs].10:1-13; 2Par[2Cr].9:1-2.

Veja-se igualmente que muitas das representações da Visita dos Reis Magos incluem séquitos, nos quais arautos ou pajens, de pé, seguram nas coroas ou nas próprias ofertas, enquanto os Magos ajoelhados prestam homenagem e culto ao Messias nascido (e.g. *Adoração dos Magos* por Gregório Lopes e Jorge Leal, MNAA, Inv.5 Pint).

No portal de Chanterene, contam-se portanto três Reis Magos, cada um com o respectivo "arauto".

Portal axial, dets. (fotos: PMO).

Sendo óbvias as identificações de D. Manuel e D. Maria, talvez o Rei Mago ao topo reporte o Católico-viúvo D. Fernando de Aragão, respectivamente sogro e pai dos ditos monarcas[53].

Os três Reis veneram o Messias nascido, mas também é possível uma leitura onde Hirão (Fernando de Aragão) e a Rainha de Sabá (D. Maria) prestam afinal homenagem ao grande Salomão (um dos avatares de D. Manuel). Note-se ainda que, em agradecimento pelos presentes recebidos, Salomão dera à Rainha estrangeira "muito mais do que ela tinha trazido" – referência enigmática que poderá ser entendida como uma relação que frutificou (*Vulg*. 2Par[2Cr].9:12).

Perpétua Primavera

Neste exercício de referenciais bíblicos, aliás típico da época, não será difícil vislumbrar que, no nicho central da Encarnação, o realçado e paternal "S. José" represente D. Fernando de Viseu, o pai que falecera antes do nascimento de D. Manuel, tendo por isso uma dimensão mística (≈ Deus-Pai). No outro lado, a figura de Santa Maria tem uma natural conotação com a homónima mãe da nova Ínclita Geração, mas também com D. Beatriz (Brites) – a viúva de D. Fernando de Viseu e mãe do Venturoso.

53 A duas vezes sogra do Venturoso (Isabel a Católica) havia já falecido, podendo estar figurada na cena da Anunciação (acolhimento paradisíaco). Já o "arauto" de D. Fernando de Aragão deverá tratar-se do "súbdito" S. Lourenço.

A historiografia tem vindo a reconhecer cada vez mais o papel extraordinário desta autêntica rainha informal, porventura equiparável a Sta. Helena – mãe do antigo e providencial imperador Constantino.

Um dos seus papéis foi manter viva a Casa ducal de Viseu-Beja como plataforma para alcançar o trono (através do filho Venturoso), contando com o apoio de duas filhas, irmãs portanto de D. Manuel. Esse "matriarcado" de Viseu-Beja era assim composto por três mulheres (Beatriz, Leonor e Isabel), o que justificará as representações coevas das santas Clara, Coleta e Inês, numa só tábua e acompanhadas de uma única coroa[54].

Na essência, é o que parece observar-se nos Jerónimos, com a triplicação da figura de Maria nos nichos do plano superior do portal.

Como também depois D. Sebastião (o qual tanto se identificava com o Venturoso), D. Manuel é o bebé milagroso, providencial e cristológico, nascido com o pai já no Céu.

Filho póstumo, era como se fosse matéria carnal transubstanciada – ele que nascera à passagem da Procissão do Corpo de Deus.

Muito aqui se falou da vertente paternal, sendo que *Santa Maria de Belém* representa, tanto ou mais, o conceito de maternidade, i.e. trazer à luz a geração seguinte como garantia de perpetuação dinástica.

Tal como, no célebre *Painel do Infante*, Nuno Gonçalves havia figurado um jovem e luminoso príncipe (≈ o futuro) apadrinhado por familiares do presente e do passado, também o bebé ao topo da entrada axial dos Jerónimos representa a esperança do monarca Fundador que, cuidando do seu próprio corpo e alma, via numa sucessiva e primaveril "ressurreição" pelo sangue uma outra forma legítima de eternidade, fazendo da Península Ibérica e de Portugal em particular o verdadeiro centro de uma Cristandade efectivamente global.

54 Cf. *Octógono* n.3 / Maio de 2024 – "Jorge Afonso e a Aparição de Cristo à Virgem", pp.41-42, 46-47.